

# Ouvir<sup>I</sup>

Ricardo Basbaum<sup>II</sup>

**Resumo:** Neste breve texto, descrevo alguns momentos de interlocução crítica, artística e afetiva com o crítico de arte Guy Brett (1942-2021), ao longo das últimas décadas.

**Palavras-chave:** *Guy Brett. Crítica de arte. Experimentalismo.*

## Listen

**Abstract:** In this brief text, I describe some moments of critic, artistic and affective exchange with the art critic Guy Brett (1942-2021) throughout the last decades.

**Keywords:** *Guy Brett. Art criticism. Experimentalism.*

---

I Escrito para a plataforma Facebook em 07/02/2021. Ligeiramente revisado e reformatado para esta publicação, com adição de algumas notas e modificações na pontuação.

II Ricardo Basbaum. Artista e pesquisador. Licenciado em Ciências Biológicas pela UFRJ; Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ; Doutor em Artes pela ECA-USP. Trabalha em torno das relações entre texto e obra de arte, com aproximações com as práticas conceitualistas, participativas e de crítica institucional. Professor na Universidade Federal Fluminense, Rua Lara Vilela 126, São Domingos - Niterói, RJ, 24210-590. E-mail: rbasbaum@id.uff.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6886-8987>. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2307960927958416>. Rio de Janeiro, Brasil.

Tive alguns encontros com Guy Brett, sempre interessantes. Ele gostava de ouvir, sua fala vinha com delicadeza, sem qualquer imposição; e dava a impressão de querer de fato se certificar, ouvir mesmo o que seu interlocutor falava – quanta elegância! – antes de dizer algo. Como também sou daqueles que escutam, nossos encontros sempre tinham algum silêncio, principalmente no início de nossa amizade (distante, claro), quando me perguntava porque esse crítico tão importante, que havia sido próximo de Hélio Oiticica e Lygia Clark, me escutava tão atentamente. Quando vivi em Londres, em 1993, viajei com seu número de telefone, gentilmente fornecido por Luciano Figueiredo que, preocupado, me disse “para não sair ligando assim que chegasse”; seria melhor esperar um pouco, encontrar o momento certo, etc. E assim foi.

Percebi que Guy havia ido um dia ao Goldsmiths’ College, onde eu estava como bolsista<sup>1</sup>. Houve algum encontro que envolvia Sarat Maharaj (crítico, professor ali), a quem conheci, também atencioso, e então, devido à proximidade, me animei em telefonar. Guy Brett convidou-me para jantar em sua casa em Brixton Road; recebeu-me sem sapatos, para um jantar japonês, com aquela mesa baixa. Sentados no chão, me senti gratificado pela acolhida, principalmente quando trouxe a pasta em que guardava alguns materiais que eu havia enviado por correio, ainda do Brasil, com impressos diversos e um único catálogo com imagens de meu trabalho<sup>2</sup>. Quanta atenção e respeito – e escuta –, que, diga-se, até aquele momento eu ainda não havia recebido no Brasil. Fiquei encantado.

Nessa temporada, ainda nos vimos mais algumas vezes, ao longo de 1994, onde ele acompanhou alguns de meus primeiros diagramas e o início de meu projeto *Você gostaria de participar de uma experiência artística?*, de que

---

1 Entre setembro de 1993 e setembro de 1994 vivi em Londres como bolsista do British Council, tendo concluído o curso MA in Fine Art (Full-Time) no Goldsmiths’ College, University of London.

2 Refiro-me à exposição coletiva “Consumir o Consumo”, que organizamos, em conjunto, Luiz Ernesto, Barrão, João Modé e eu, apresentada em Brasília (Sala Athos Bulcão, 1991), Niterói (Galeria de Arte UFF, 1991) e São Paulo (MAC-USP, 1992). Guy se interessou pela frase de Hélio Oiticica, impressa na abertura do catálogo, da qual extraímos o título da mostra: “Por acaso fugir ao consumo é ter uma posição objetiva? Claro que não. É alienar-se, ou melhor, procurar uma solução ideal, extra – mais certo é sem dúvida consumir o consumo” (Hélio Oiticica, “Brasil Diarréia”, in *Arte Brasileira Contemporânea - Caderno de Textos 1*, Funarte, Rio de Janeiro, 1980). Para nós, tratava-se de buscar a construção de modos de resistência ao comercialismo do mundo da arte daquele momento, em que se re-estruturava o circuito de artes sob o impacto da economia neoliberal da cultura: “Ou você consome ou é consumido” (frase que conclui a conversa dos artistas com o crítico Márcio Doctors; *Consumir o Consumo*, catálogo, 1991).

gostava especialmente<sup>3</sup>. Anos mais tarde, foi com esse projeto que participei de sua única (que eu saiba...) ação curatorial no Brasil, a exposição “aberto fechado – caixa e livro na arte brasileira”<sup>4</sup>. Ainda nesse primeiro período em Londres, Guy me apresentou a David Medalla<sup>5</sup>, e ambos estiveram em alguns outros eventos que ali realizei, ao longo dos anos seguintes.



**Figura 1**  
Guy Brett e David  
Medalla em 2010  
foto: Daniela Mattos

Publiquei um breve texto, no fim de 1994, no projeto “Blast 4 – Bioinformática”, de Jordan Crandall<sup>6</sup>, que Guy citou algumas vezes, em escritos seus;

---

3 Em nossa última conversa, em Londres (julho de 2013), sugeriu a publicação de um livro, contendo fotografias das experiências realizadas com o objeto múltiplo que deflagra a dinâmica do projeto.

4 “aberto fechado – caixa e livro na arte brasileira / the enclosed openness – box and book in brazilian art”, São Paulo, Pinacoteca, 2012.

5 Registro aqui o evento “Rio-Trajetórias - ações transculturais”, organizado por David Medalla e Cristiana de Melo, realizado no Rio de Janeiro no final de 2001, ao qual Guy Brett esteve presente, tendo escrito um texto para o catálogo. Cf. os e-nformes da plataforma Canal Contemporâneo, como por exemplo <https://www.canalcontemporaneo.art.br/e-nformes.php?codigo=38> (acesso em 11/09/21). “A mostra Rio - Trajetórias acontece durante o mês de novembro em vários pontos do Rio de Janeiro. O evento conta com a participação de artistas de vários países e propõe levantar questões sobre a arte contemporânea de interesses transculturais”; “Esta exposição foi primeiramente viabilizada através do esforço e produção dos próprios artistas”.

6 Ricardo Basbaum, “Clark & Oiticica”, in *Blast 4: Bioinformatica*, The X-Art Foundation, NY 1994-

mas nossas conversas nunca eram ‘teóricas’. Guy dizia não gostar da crítica de arte demasiadamente acadêmica, repleta de citações; seus textos, entretanto, eram rigorosos, sem floreios excessivos, sempre indo diretamente às questões tratadas. Pois é, ainda que percorrendo por dentro toda a carga Clark-Oiticica, conversando com Guy Brett percebia como meu trabalho era também ‘não-Oiticica’ e ‘não-Clark’ (mesmo *sendo*; algo que Guy enfatizava e que era a matriz de nosso contato), ou seja, seguia em deriva para muitas outras direções. Por exemplo, apontando para a arte conceitual, pela qual Guy Brett não se interessava muito (segundo pude depreender em uma das conversas em que trouxe a questão). É interessante, pois a Inglaterra foi um dos locais em que aflorou uma arte conceitual muitas vezes bem dura e ortodoxa; e Guy preferiu quase sempre artistas não-ingleses, em sua maioria, que traziam outras referências, mais ligadas ao corpo e às sensações e também a cosmologias não-ocidentais.



**Figura 2**  
Ricardo Basbaum  
*[small operatic event]*  
*would you like to participate in an artistic experience?*, 2010  
participações de  
Dance Physics e Bruce  
Nockles, Guy Brett  
de pé, à direita. The  
Showroom, Londres.  
Foto: Daniela Mattos

---

1995. Sobre o projeto Blast Cf. “unmarked box on a counter - Jordan Crandall in conversation with Caleb Waldorf. A genealogy of Blast, a ‘system of circulation’ published between 1991 and 1995.”, [https://www.canopycanopycanopy.com/contents/unmarked\\_box\\_on\\_a\\_counter](https://www.canopycanopycanopy.com/contents/unmarked_box_on_a_counter) (acesso em 11/9/21). “Clark & Oiticica” foi publicado em português em *Fios Soltos: a arte de Hélio Oiticica*, Paula Braga (Org.), São Paulo, Perspectiva, 2008. Destaco a generosidade da artista Sonia Laboriau, ao apresentar-me a Crandall.

Mesmo com tantas diferenças, e com camadas de meu trabalho vindas de muitas outras conexões, sempre quando passava por Londres e participava de eventos, lá estava ele. Em algumas das ações que fiz no espaço The Showroom, convidado por Emily Pethick, Guy Brett observava tudo, super atento<sup>7</sup>. Era tão bonito como ele se aproximava, em silêncio, delicadamente, com um leve sorriso, e ficava ali olhando. Em minha última visita a Londres, em 2016, quis encontrá-lo, mas não foi possível, pois já estava doente. Fui para lá para a abertura da New Tate Modern<sup>8</sup> – feliz, pois minha instalação *NBP x eu-você*<sup>9</sup> estava sendo mostrada (quase) completa pela primeira vez. A aquisição se deu através de Cuauhtémoc Medina (em 2003), mas Guy Brett generosamente escreveu um belo texto para a primeira vez que o trabalho foi mostrado no MAM-RJ<sup>10</sup>. Ali, na Tate, fiquei muito emocionado quando soube que não o encontraria, pois queria poder compartilhar aquele momento, resultado, sem dúvida, de seu apoio e interesse através dos anos. Estava com Emily, e chorei, de repente, de modo impulsivo.

Acredito que, no percurso de uma vida (e alguns artistas têm mais de uma, é preciso reconhecer), conta-se nos dedos das mãos (talvez de apenas uma delas) o número de interlocutores que, de fato, procuraram se envolver com sua produção, fazer perguntas, acompanhar, deixar-se afetar. Mesmo que eu jamais saiba em detalhes o que ele pensava, era muito emocionante vê-lo sempre tão atento. Fazia-me sentir devedor de algo, de um gesto explicativo ou uma pequena partícula de compreensão última que demonstrasse agradecimento por sua presença – mas faz parte das práticas artísticas resignar-se quanto à produção de inquietações. Penso nos muitos artistas que Guy Brett acompanhou em sua vida; Katia Maciel escreve que ele “se interessou por artistas livres”, não há dúvida quanto a isso, e para exercer tal

---

7 Registro aqui a suave presença de Guy Brett na ação [*small operatic event*] *would you like to participate in an artistic experience?* (The Showroom, 5/8/2010), com participações de Dance Physics, e Bruce Nockles [<https://www.theshowroom.org/events/small-operatic-event-would-you-like-to-participate-in-an-artistic-experience>]; e também na conversa-coletiva apresentada no contexto de *re-projecting (london)* (The Showroom, 2013) [<https://www.theshowroom.org/library/ricardo-basbaum-re-projecting-london>]. Acessos em 11/09/21.

8 “The New Tate Modern Opens - a New Museum for the Twenty-First Century”. Press Release: “The new Tate Modern will open to the public on Friday 17 June [2016].” <https://www.tate.org.uk/press/press-releases/new-tate-modern-opens>. Acesso em 11/09/21.

9 Projeto comissionado para a série Novas Direções (MAM-RJ, 2000), composto por quatro cápsulas de ferro com colchões e almofadas, dois diagramas em vinil adesivo sobre fundo monocromo, arquivos de áudio e edição de livro em off-set com três textos autorais.

10 “Arte no Plural”, republicado em Guy Brett, *Brasil Experimental – arte/vida: proposições e paradoxos*, organizado por Katia Maciel (Contra Capa, 2005).



**Figura 3**  
Ricardo Basbaum  
*conversa-coletiva*  
(*re-projecting london*),  
2013. Leitura ao vivo e  
gravação com Daniela  
Mattos, Emily Peth-  
ick, Hannah Clayden,  
Henrietta Hale, Ismail  
Ali, Jareh Das, Louise  
Shelley, Massimiliano  
Mollona (Mao),  
Ricardo Basbaum,  
Tom Tlalim, Guy Brett  
sentado, quase ao  
centro da imagem  
The Showroom,  
Londres. Foto:  
Daniela Mattos



acompanhamento e interlocução seria preciso também ser um “crítico livre”. No mundo real dos compromissos e instituições, a liberdade guybrettiana é um valor de cultivo necessário.

No final dos anos 1980, quando visitava a livraria Leonardo da Vinci, no Centro do Rio, sempre via na mesma prateleira o livro *Through our own eyes*<sup>11</sup>; um dia comprei-o<sup>12</sup>, pois achei que ninguém mesmo queria, o livro não saía do lugar. Eu não tinha muito dinheiro, mas acabei conseguindo. Ali, Guy Brett se desloca para universos não-artísticos, para abordar ações comunitárias, memórias coletivas, mobilizações ativistas – uma produção fora dos circuitos habituais da arte. Considero esse livro excepcional e vejo Guy Brett em sua maior intensidade – a produção de obras em contato direto com experiências de vida variadas, atendendo a devires outros que não apenas aqueles da arte dita avançada e seus circuitos de recepção. Nunca conversamos detidamente sobre esse livro em particular, mas é importante notar que em

11 Guy Brett, *Through our own eyes – popular art and modern history*, Londres, GMP, 1986.

12 Noto agora que marquei meu nome na folha de rosto com a data de “fevereiro de 1995”. Já não sei se o livro esperou por mim até meu retorno de Londres ao Rio de Janeiro (setembro de 1994) ou se já estava em minha biblioteca antes de viajar.

seu acompanhamento próximo de vários artistas também buscava perceber como aquilo tudo produzia deslocamentos para outros lugares: é significativo que um crítico de arte tão engajado também cultivasse fortes linhas de fuga para além da matéria direta das obras, lugares mais importantes que aqueles da produção positiva, assertiva e sem fim, também cansativa; pois o mais interessante sempre seria quando os trabalhos nos levassem para fora, no contato com os horizontes do viver, do mais urgente, infiltrando-se no coletivo, além do artista e da obra.

Penso que agora é para lá que, finalmente, se foi. E daqui da Terra envio um forte abraço, querido Guy, em homenagem e agradecimento.

Artigo recebido em 15 de outubro de 2021 e aceito em 22 de novembro de 2021.  
Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

